

DOI: <http://dx.doi.org/10.18817/ot.v18i32.860>

IMPrensa DO INTERIOR DO MARANHÃO: o percurso dos jornais de Imperatriz (1930-2010)¹

THE PRESS AT THE INTERIOR OF MARANHÃO: the route of the newspapers of Imperatriz (1930-2010)

PRENSA DEL INTERIOR DE MARANHÃO: la ruta de los periódicos de Imperatriz (1930-2010)

THAYS ASSUNÇÃO REIS

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6826-1096>

Doutoranda em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Professora da Universidade Federal do Tocantins (UFT)

Palmas/Tocantins/Brasil

thays.jornalista@gmail.com

Resumo: Este artigo apresenta o percurso dos jornais que circularam em Imperatriz entre o período de 1932 e 2010. Trata-se de uma periodização dividida em três fases: Primórdios da Imprensa (1930-1960), Modernização (1970-1980) e Imprensa Contemporânea (1990-2010). A proposta foi construída com base em elementos tecnológicos, no crescimento e na segmentação dos impressos, relacionados às transformações e às contradições da sociedade local. Dentre os resultados alcançados, observamos uma descontinuidade e efemeridade dos jornais, além da falta de materialidade em alguns títulos da cidade.

Palavras-chave: Jornais. Imperatriz. Maranhão.

Abstract: This article presents the route of the newspapers that circulated in Imperatriz between the period of 1932 to 2010. This is a periodization divided into three phases: Beginnings of the Press (1930-1960); Modernization (1970-1980) and Contemporary Press (1990-2010). The proposal was built on the basis of technological elements, the growth and segmentation of the prints in relation to the transformations and contradictions of the local society. Among the results achieved, we observed a discontinuity and ephemerality of newspapers, as well as a lack of materiality for some titles of the city.

Keywords: Newspapers. Imperatriz. Maranhão.

Resumen: Este artículo presenta el curso de los periódicos que circularon en Imperatriz entre 1932 y 2010. Se trata de una periodización dividida en tres fases: Comienzos de la Prensa (1930-1960); Modernización (1970-1980) y Prensa Contemporánea (1990-2010). La propuesta se construyó sobre la base de elementos tecnológicos, el crecimiento y la segmentación de los periódicos, relacionado con las transformaciones y contradicciones de la sociedad local. Entre los resultados obtenidos, observamos una discontinuidad y efímera de los periódicos, además de la falta de materialidad en algunos títulos de la ciudad.

Palabras clave: Periódicos. Imperatriz. Maranhão.

¹ Artigo submetido à avaliação em abril de 2021 e aprovado para publicação em junho de 2021.

Introdução

Durante muitos anos os impressos participaram da construção da história apenas com um caráter secundário. Não era comum atribuir-lhes uma condição de fonte/objeto de um estudo, pois eles não eram marcados pela objetividade, neutralidade, fidedignidade e credibilidade, características exigidas aos documentos pelo ideal cientificista do final do século XIX e início do XX. Assim, o que acontecia, com certa frequência, é que o jornal era utilizado apenas para confirmar o que já foi verificado em outra fonte.

No entanto, ultimamente, muitos trabalhos têm surgido com a preocupação de ter os jornais não apenas como fonte, mas como objeto de estudo. Para Capelato (1988, p. 19), “[...] a escolha de um jornal como objeto de estudo justifica-se por entender-se a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e intervenção na vida social”. Desse modo, os jornais impressos constituem-se instrumentos relevantes para a construção da História. Eles possuem textos que abordam o cotidiano de uma sociedade e deixam pistas sobre as suas relações com as instâncias de poder.

Com base nesse entendimento, decidimos investigar a formação de parte da história da imprensa maranhense, tendo como eixo a imprensa do interior, especificamente a do município de Imperatriz, localizado no sudoeste do estado. Nesse local, a atividade periódica teve início em 1932 com a publicação do manuscrito *O Alicate*. Dessa data até o ano de 2010 foram localizados 215 títulos² dos mais diversos perfis (religiosos, culturais, sindicais, culturais, políticos, etc.). A partir desse número, construímos um percurso para a imprensa local tendo como aspectos centralizadores a questão tecnológica, o crescimento e a segmentação dos impressos.

O resultado é uma periodização dividida em três fases: *Primórdios da Imprensa* (1930-1960); *Modernização* (1970-1980) e *Imprensa Contemporânea* (1990-2010). A primeira aborda o nascimento do jornalismo local. A segunda evidencia novos contornos da atividade jornalística, em um período de instalação de grandes projetos econômicos e expressiva expansão demográfica na região. O terceiro momento destaca as inovações editoriais dos periódicos. Dessa proposta, publicada originalmente pela autora, na obra *História da imprensa em Imperatriz- MA: 1930-2010* (REIS, 2018), apresentamos aqui um

² Material oriundo da pesquisa de iniciação científica *Comunicação em Imperatriz: a Análise dos Acervos de Jornais Impressos (1932-2008)*, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa e o Desenvolvimento Tecnológico do Maranhão (Fapema), entre junho de 2009 e junho de 2010.

recorte enfatizando os elementos e narrativas dos jornais de interesse geral com maior tempo de circulação e interessantes para a nossa abordagem.

Primórdios da imprensa: cenas iniciais do jornalismo (1930-1960)

Ruas de terra, sem iluminação, estabelecidas às margens do Rio Tocantins. As principais eram largas, cortadas por algumas “travessas” e compostas por casas com fachadas simples. Nesses espaços, começava a circular em 1932 o jornal *O Alicate*. O periódico produzido pelo escrivão e tabelião público, Antônio José Marinho, inaugura a imprensa de Imperatriz.

Segundo Edmilson Sanches (2002), *O Alicate* era um jornal redigido à mão e que tinha uma circulação irregular, sendo publicado ocasionalmente em virtude dos acontecimentos da época e da conveniência de serem espalhados por alguns pontos da cidade. De outro lado, descobriu-se que no município não há nenhum exemplar de *O Alicate* e nem registros sobre o encerramento de suas atividades.

Após quatro anos da publicação do manuscrito, Imperatriz conhece em 1936 o jornal *A Luz* - primeiro impresso da cidade. O periódico é o segundo a circular em solo imperatrizense e possui existência documentada com o exemplar de número 3, de 25 de outubro de 1936.

Figura 1- Capas dos três primeiros jornais de Imperatriz



Fonte: Acervo do Curso de Jornalismo de Imperatriz (UFMA).

A Luz era semanal – e apresentava-se como “semanário independente”. O jornal não possuía seções e editoriais, era composto por quatro páginas e custava 3,00 réis - exemplar

avulso, 400 - exemplar atrasado e 1000 réis - assinatura anual. Os responsáveis pela publicação eram Gumercindo Milhomem (diretor), Antenor Bastos (gerente) e Antônio José Marinho (redator, o mesmo que manuscovia *O Alicate*).

Esses homens eram comerciantes, políticos e funcionários públicos que encontraram nos jornais um espaço para defenderem seus interesses particulares, bem como, fazer circular informações dos acontecimentos e dos anseios de Imperatriz, que estava distante de São Luís e de outros municípios do interior maranhense. Além disso, não tinha ligação por estradas a esses lugares.

O jornal *A Luz* era impresso com tipos móveis e prensas de madeira. Provavelmente esse equipamento tenha vindo dos grandes centros, já que naquele período “[...] o equipamento dos jornais acompanhava a etapa empresarial; os velhos equipamentos eram encontrados ou vendidos a folhas do interior” (SODRÉ, 1999, p. 281).

Em seu primeiro ano de existência, *A Luz* traz as práticas do cotidiano e do presente de uma sociedade marcada pelas tradições religiosas. São notícias dos festejos paroquiais, das orações, das notas de cerimônias religiosas, como: batizados, falecimentos, noivados e casamentos. Além disso, o texto menciona os tradicionais bailes e concursos de beleza realizados em Imperatriz nos anos de 1930. De acordo com Zequinha Moreira (1997), a juventude imperatrizense adorava um divertimento pacífico e organizado, entre eles os bailes.

Avançando na leitura do número três do jornal *A Luz*, observa-se que ao semanário atribui-se a missão de censurar o abuso das autoridades locais, colocando-se como um intermediário entre o público e as instituições. “A imprensa se percebe, pois, como um ator político consciente e atuante, portador de uma missão essencialmente política” (ALDÉ, 1997 apud BARBOSA, 2007, p. 185), como podemos ver na citação abaixo, retirada do jornal *A Luz*:

É a terceira vez que, nestes últimos dias, soldados locais aplicam banhos à base de ‘saibre e umbigo de boi’ em pessoas inocentes da cidade. Esses actos de selvageria culminaram com o bárbaro espancamento na pessoa do Sr. Jovino Santos, no dia 15 deste. Estamos informados que o Dr. Juiz de Diretoria da Comarca fez sentir ao Sr. Delegado de Polícia a sua desaprovação para semelhantes desatinos. Constanos S. Exc. ordenou abertura de um inquérito a respeito destas lamentáveis ocorrências. Lamentado que entre nós, se ver esses factos, aqui fica o nosso protesto³.

Por outro lado, os anúncios eram fartamente distribuídos na página três do referido jornal. Eles possuíam a aparência de notas informativas, com breves descrições dos

³ *A Luz*, Imperatriz, MA, ano 1, n. 3, 25 out. 1936. p. 4.

produtos e mercadorias oferecidas. As mensagens informavam, sobretudo, o local e os itens comercializados, sendo que os principais eram tecidos, óleos, frutas, ferragens, peles e algodão.

Se V.S. dezer ser bem servido querendo comprar artigo bom em matéria de tecidos, miudezas, estivas, ferragem, perfumarias, prefira a Cortezia Popular de Guilherme Cortez que é efectivamente repleta do melhor sortimento a preços relativamente baratos⁴.

Infere-se do texto que o volume expressivo de anúncios no jornal advinha do crescimento econômico vivenciado por Imperatriz, devido aos garimpos de diamantes e cristais que se tornaram a base de sustentação da economia regional, e o motivo para a chegada de vários imigrantes na cidade. “Esses garimpos tornaram-se a tábua de salvação para a economia regional, que vivia o declínio do período da coleta de castanha-do-pará” (FRANKLIN, 2008, p. 91).

Também, Edelvira Barros (1996) afirma que o sertão de Imperatriz aumentou, nesse período, a produção de produtos agrícolas paraenses, conseguindo excedentes suficientes para abastecer a cidade de Marabá e toda área do garimpo *Pedral*, localizado no Rio Tocantins, entre o trecho Itupiranga e Tucuruí.

Fora *O Alicate* e *A Luz*, circularam em Imperatriz até a década de 1960 mais dois impressos: *O Astro*⁵ e *Correio do Tocantins*⁶. Entre o aparecimento destes dois últimos títulos, existe um vazio na produção de periódicos imperatrizenses na década de 1950, o que demonstra uma imprensa ainda incipiente e contornada por uma situação de isolamento territorial.

O Astro foi criado no dia 24 de julho de 1949 pelo Partido Social Trabalhista (PST). Esse impresso possuía formato duplo-ofício, constituído de quatro páginas, e tinha circulação quinzenal. Ele era ainda impresso em mimeógrafo e custava 1,00 cruzeiro (número avulso) e 20,00 cruzeiros (assinatura anual).

O Astro emerge no cenário imperatrizense oriundo da alteração do quadro político municipal. A cidade havia passado por anos tendo seus prefeitos nomeados e submetidos ao interventor estadual devido às exigências do governo de Getúlio Vargas, e em 2 de dezembro

⁴ *A Luz*, Imperatriz, MA, ano 1, n. 3, 25 out. 1936. p. 3.

⁵ *O Astro*, Imperatriz, MA, ano 1, n. 1, 24 jul. 1949.

⁶ *Correio do Tocantins*, Imperatriz, MA, ano 1, n. 3, 25 maio 1964.

de 1947 é eleito, por meio de eleições livres, o candidato do Partido Social Trabalhista (PST), Simplício Alves Moreira.

O governante enxergou nas letras impressas uma possibilidade para difundir as ações de seu governo e conseguir o apoio da população junto ao PST. Por isso, quando o jornal começa a circular em 1949, observa-se também o nascimento de uma cultura política em Imperatriz, tendo a imprensa como *locus* privilegiado para a elaboração de campanhas e influência da sociedade civil.

O *Correio do Tocantins*, por sua vez, criado em 26 de fevereiro de 1964 pelo comerciante José Adão Ferreira, foi o primeiro jornal de Imperatriz com fotos e imagens. O número de 25 de maio de 1964 do veículo, único exemplar encontrado na cidade, traz como uma das fotografias de capa a imagem de Lúcia Gerude Ferreira, filha do jornalista e dirigente do periódico, e a foto da Igreja Matriz e do Palácio do Bispado de Balsas – cidade mais próspera da região naquele período. Na página três do periódico encontramos anúncios publicitários tendo as imagens como suporte. Com desenhos de geladeira, rádio e automóveis, o jornal *Correio do Tocantins* mostrava as cenas da expansão comercial de Imperatriz na década de 1960, em que a cidade recebia a instalação de várias lojas, armazéns, usinas de beneficiamento e bancos.

Modernização da imprensa: os jornais em tempo de mudança (1970 - 1980)

No inverno de 1958, o barulho das máquinas derrubando as matas virgens, em direção ao estado do Pará, descortina um novo período na história de Imperatriz. Abandonando a condição de isolamento territorial, o município passa a exibir outro cenário urbano e geográfico a partir da abertura da Rodovia Belém-Brasília.

A ‘estrada da integração nacional’ foi a primeira e principal responsável pelo crescimento e rápido desenvolvimento. Linhas de ônibus modernos, transportes à disposição para toda parte, não havia mais distâncias nem dificuldades para a locomoção. Assim, já como pólo avançado de desenvolvimento, Imperatriz toma o seu lugar e vai se transformando na metrópole do Tocantins. Sua população cresce de modo surpreendente e suas ruas se espalham, se alongam, se multiplicam, tomam o seu chão, invadem as matas ribeirinhas, confiscam os campos, que vão se transformando em bairros, vilas e núcleos satélites [...] (PEREIRA, 2002, p. 48).

O depoimento do poeta e cronista, Waldemar Gomes Pereira, ainda que seja uma referência a sua experiência migratória para Imperatriz, introduz uma das principais narrativas

encontrada nos periódicos imperatrizenses dos anos 1970 e 1980: o desenvolvimento socioeconômico. Segundo Adalberto Franklin (2008), nos primeiros anos da década de 1970, a exploração de madeiras era uma das possibilidades de enriquecimento que mais avançava na cidade. “Mais de 300 estabelecimentos industriais e de serviços do setor madeireiro teriam se instalado em Imperatriz na década de 70, desde serrarias, laminadoras, movelarias etc.” (FRANKLIN, 2008, p. 145).

Paralelamente, o município recebia a instalação de vários empreendimentos governamentais e de economia mista. “A Embratel e a Cemar instalavam-se. A rodovia Belém-Brasília era asfaltada. Trabalhadores eram contratados para a construção da Transamazônica e da Usina Hidrelétrica de Tucuruí” (BARROS, 1996, p. 224).

Nos anos 1980, a cidade vivencia o impacto do garimpo de Serra Pelada. Ela era uma das principais portas de entrada para o garimpo e o abastecia com alimentos, remédios, máquinas e equipamentos. A economia imperatrizense, que era quase sempre dependente das riquezas do sul do Pará, viu-se fortalecida pela descoberta de ouro na Serra Pelada em fevereiro de 1980 (BARROS, 1996).

Imperatriz era o município que detinha o maior número de habitantes trabalhando no garimpo. No primeiro momento, eram pessoas de baixa qualificação profissional, desempregados, trabalhadores do campo e garimpeiros experientes. Depois, chegaram empregados de baixos salários do comércio e da indústria, além de pessoas da economia informal (FRANKLIN, 2008).

A partir desse cenário, os jornais de interesse geral que proliferaram pela cidade – *O Progresso* (fundado em 1970) e *Jornal de Imperatriz* (1985), apenas para citar os mais importantes – abrem espaço em suas páginas para a chegada da energia elétrica, do calçamento das ruas, da rede de esgoto, da construção do aeroporto, do estabelecimento das primeiras rádios e TVs, da instalação de empresas e projetos, entre outras novidades urbanas.

A paisagem urbana de nossa cidade vai ser enriquecida, dentro dos próximos meses, com um moderno prédio a ser construído pelo Banco da Amazônia S. A., a fim de nele abrigar as instalações de sua filial. [...] A obra foi projetada em linhas modernas, observando todos os requisitos da técnica e da medicina do trabalho [...]. É de toda justiça assinalar a realização desse empreendimento, que muito contribuirá para o destaque de Imperatriz no contexto sócio-econômico do Estado⁷.

⁷ *O Progresso*, Imperatriz, MA, n. 10, 5 de julho de 1970. p. 1.

Observa-se também, nessa fase, que o noticiário sobre a violência ganha importância na maioria dos impressos. Os jornais publicam em suas manchetes cenas de horrores da vida cotidiana: assassinatos, estupros, desaparecimentos misteriosos, roubos, entre dezenas de tragédias que passam a compor o cotidiano de Imperatriz. É, portanto, o nascedouro do jornalismo policial na cidade.

Baleado e preso tarado que matou três mulheres⁸, “grita” a manchete do exemplar de número 2 do *Jornal de Imperatriz*, do dia 2 de dezembro de 1985. No número 15 do mesmo jornal, no dia 15 de dezembro de 1985, está na capa Homem assassina o irmão com tiro de espingarda⁹.

Esse tipo de notícia privilegiava a superexposição da violência por intermédio da publicação de fotografias chocantes e da narração detalhada dos fatos. As fotos eram impressas em tamanho grande, com destaque para elementos como sangue, pessoas feridas ou mortas. E o texto das matérias possuía um caráter descritivo, apresentando uma linguagem composta por gírias, palavrões ou expressões de fácil entendimento para os grupos populares, como:

Mulher é chacinada

A polícia está investigando a morte misteriosa da meretriz Raimunda Francisca de Assis, encontrada num terreno baldio do setor da Farra Velha, com sinais de ter sido abatida a pancadas e depois teve seu corpo massacrado.

A infeliz mulher fazia ponto na boate ‘Transa’, na Rua Antonio Miranda, Farra Velha e ninguém sabe precisar com quem ela teria saído para encontrar a morte violenta. O crime demonstra que o matador de Raimunda é possuído de um sadismo fora do comum, pois não se contentou em apenas em bater a mulher, mas chaciná-la, desfigurando-a¹⁰.

Cabe considerar que muitas das notícias estampadas nas capas dos jornais de 1970 a 1989 referiam-se aos crimes de pistolagem cometidos na região. De acordo com o escritor Livaldo Fregona (1998), a *pistolagem* teve seu clímax em 1986, tempo em que era comum ser encontrados corpos crivados de balas pelos arredores de Imperatriz. E foi precisamente nesse ano que ocorreu um dos crimes de pistolagem de maior repercussão em Imperatriz - o assassinato do padre Josimo Tavares.

Padre Josimo morto a tiros por pistoleiros¹¹ – informou o *Jornal de Imperatriz*, em 11 de maio de 1986. O jornal *O Progresso* do mesmo dia também estampa na capa a

⁸ *Jornal de Imperatriz*, Imperatriz, MA, ano 1, n. 2, 2 dez.1985.

⁹ *Jornal de Imperatriz*, Imperatriz, MA, ano 1, n. 15, 15 dez. 1985.

¹⁰ *O Progresso*, Imperatriz, MA, ano 1, n. 5928, 28 jan. 1986. p. 1.

¹¹ *Jornal de Imperatriz*, Imperatriz, MA, ano 1, n. 137, 11 maio 1986.

seguinte manchete: Padre assassinado por pistoleiros no centro da cidade¹². Ao noticiarem com destaque os crimes de pistolagem e as outras formas de violência da cidade, os impressos podem ter contribuído para a construção da imagem de Imperatriz como a “capital da pistolagem”, relacionando o lugar à violência, percepção comum até a atualidade.

A diversificação da imprensa em Imperatriz é, ainda, outra marca do período. Ao lado dos jornais de interesse geral, surgem folhas religiosas, culturais, institucionais, políticas, sindicais, estudantis, de negócios, totalizando 55 publicações (ver tabela 1). Dentre esse conjunto, podemos destacar o *Jornal de Negócios*, fundado em setembro de 1986 pelo jornalista Edmilson Sanches para tratar de “[...] coisas e causas da indústria, do comércio, agricultura e serviços, empresários e funcionários, patrões e empregados”¹³.

Tabela 1 - Perfil dos jornais de Imperatriz (1970-1980)

Classificação	Nº/Títulos
Interesse geral	8
Religioso	5
Cultural	7
Institucional	17
Político	6
Sindical	3
Estudantil	8
Negócio	1
Total	55

Fonte: A autora (2021).

A criação desses impressos tem em comum uma “vontade regional”, que falava Milton Santos (2007) quando se referia às regiões, às zonas e às subzonas jornalísticas. De acordo com o geógrafo, o desejo de fazer circular um periódico está diretamente relacionado à presença de recursos econômicos na localidade. Em suas palavras, afirma:

Quando há uma ‘vontade regional’ e recursos econômicos surge o diário da região. Quando a ‘vontade regional’ é desacompanhada de certa densidade econômica, verifica-se a presença de um semanário ou periódico. A ausência de ambas as condições determina a ausência de órgãos de imprensa. (SANTOS, 2007, p. 3).

Partindo desse pressuposto, é que homens, sem nenhuma formação específica em jornalismo, se aventuram na produção de notícias. O fundador do jornal *O Progresso*, José

¹² *O Progresso*, Imperatriz, MA, ano 16, 11 maio 1986.

¹³ *Jornal de Negócios*, Imperatriz, MA, ano 1, n. 1, 7 a 13 set. 1986. p. 1.

Matos Vieira, por exemplo, decide criar o diário devido às drásticas transformações que Imperatriz passava no início dos anos 1970.

O crescimento rápido de Imperatriz exigia um jornal. A cidade aumentava desordenadamente. Gente boa e aventureiros misturavam-se, cada qual buscando as riquezas do lugar e procurando se dar bem na vida. Com tanta gente de variados costumes e culturas contrastantes, tornava-se, no mínimo inteligente, explorar algum ramo que pudesse registrar o que estava ocorrendo. Um jornal se fazia necessário (VIEIRA, 2008, p. 117).

Surge, então, o jornal *O Progresso*, impresso mais antigo em circulação da cidade. O diário começa a ser publicado em 3 de maio de 1970, com quatro páginas e formato 32 x 43 cm. Ele, inicialmente, “[...] era semanal – circulava aos domingos, e possuía o *slogan* de semanário noticioso e independente [...]” (SANCHES, 2002, p. 173). Apenas em 1979 o impresso passa a circular de terça-feira a domingo, com um número de páginas variando entre oito e doze páginas (CARVALHO, 2016).

Na década de 1980, *O Progresso* começa a imprimir o segundo caderno, aumentando a quantidade de folhas para 16, durante a semana, e 20, aos domingos, quando saía o caderno suplementar (CARVALHO, 2016). Além disso, o diário inova nessa fase com a publicação do suplemento infantil *O Progressinho*, que trazia histórias em quadrinhos, desenhos e ilustrações.

Figura 2 – Capa do jornal *O Progresso*



Fonte: *O Progresso*, Imperatriz, MA, ano 1, n. 1, 3 maio 1970. Disponível em: <http://www.oprogresso-ma.com.br/edicao/1> Acesso em: 9 dez. 2020.

Outro jornal marcante nesses anos para a imprensa imperatrizense foi o *Jornal de Imperatriz*, fundado em 1º de dezembro de 1985 pelo proprietário da Gráfica Líder, José Maria Quariguasi. A publicação se destacou por ser o primeiro jornal diário em *offset* do município (SANCHES, 2003) e concorrente direto do *Progresso*, que também adotou o mesmo sistema de impressão em 1986, um ano depois do surgimento do pioneiro.

O *Jornal de Imperatriz*, apesar de ter circulado apenas por um ano, reuniu uma equipe de importantes jornalistas, como Jurivê de Macedo, Edmilson Sanches, Dema de Oliveira, Lima Rodrigues e Coriolano Filho, que foi editor nos últimos meses de existência do periódico (CARVALHO, 2016). Além desse aspecto, o impresso apresentava em torno de seis a dez páginas, tamanho 44,5 cm por 32 cm e preço inicial de 2,000 cruzeiros. Vale ainda ressaltar que seu principal objetivo era ampliar e incrementar o campo jornalístico imperatrizense.

Jornal de Imperatriz acaba de nascer neste primeiro de dezembro de mil novecentos e oitenta e cinco. Fruto do idealismo de José Maria Quariguasi, seu fundador, ele nasce, também do apelo de uma região que reclama a ocupação maior do espaço informativo escrito. A proposta é precisamente essa de preencher uma fatia desse espaço, na convivência harmoniosa com mais veículos noticiosos de circulação na área¹⁴.

Do ponto de vista da apresentação visual, verificam-se significativas mudanças nos jornais de Imperatriz, sobretudo, a partir da chegada do sistema de impressão em *offset*. Para Rhaysa Carvalho (2016, p. 131), “[...] o novo sistema, aliado ao processo de informatização iniciado no mesmo período, fez crescer o uso de diferentes elementos visuais, como ilustrações, fotografias e tipografias diferenciadas”.

¹⁴ *Jornal de Imperatriz*, Imperatriz, MA, n. 1, 1 dez. 1985. p. 1, grifo nosso.

Figura 3 – Capa do *Jornal de Imperatriz*¹⁵

Fonte: Acervo particular de Edmilson Sanches.

Ao mesmo tempo, as matérias passam a ser distribuídas em editorias, surgem cadernos, suplementos, colunas sociais, seções de serviços e espaços fixos de opinião, como, por exemplo, a coluna *Políticos & Mandatos*, assinada por Gilmário Café no jornal *O Progresso*, e a coluna *Aldeman Comenta*, escrita no mesmo periódico pelo jornalista e radialista Aldeman Costa.

A imprensa contemporânea: novos protagonistas em cena (1990-2010)

Registros de designs editoriais mais arrojados em alguns impressos de Imperatriz revelam um dos aspectos fundamentais para a construção da história da imprensa na cidade: a chegada dos computadores nas redações. Graças a sua implantação nos periódicos, a partir dos anos de 1990, foi possível criar páginas com o visual mais dinâmico e colorido.

De acordo com Rhaysa Carvalho (2016), o *Jornal Capital* foi um dos precursores na informatização das redações no município. Por meio desse processo, a composição do design gráfico do jornal passa a ser totalmente produzida em computadores por meio de programa de editoração eletrônica (*Pagemake*) e *softwares* de tratamento e elaboração de artes, como o *CorelDRAW*.

¹⁵ Edição do dia 1 de dezembro de 1985.

A modernização estética do *Jornal Capital* foi conduzida pelo jornalista Frederico Luiz Maciel, que foi editor do periódico nos anos 1995 e, depois, 1998. Com sua chegada à redação do periódico, ele conduziu a transição das máquinas de datilografia para os computadores e treinou os diagramadores no uso de novos programas de editoração eletrônica, possibilitando, assim, mudanças significativas na diagramação do impresso (CARVALHO, 2016).

O Capital, como era chamado, foi fundado em 2 de setembro de 1994 por Conor Pires Farias e integrava o Sistema Tucanu's de Comunicação. Ele circulava de terça-feira a domingo e era composto, inicialmente, por 12 páginas separadas em dois cadernos. Em 1996, com a introdução de mais um caderno, a publicação aumenta seu volume de folhas para 16. Nos anos 2000, o jornal enfrenta uma fase de declínio, que culmina com seu fechamento no início de 2010. Esse momento é caracterizado pela redução no número páginas, falta de conteúdo jornalístico autoral e desvalorização da apresentação visual.

Outro impresso que surgiu no município entre os anos 1990 e 2010 utilizando o computador e outras tecnologias em sua rotina de produção foi o jornal *Folha do Dia*. Ele foi fundado em 10 de outubro de 1998 pelos empresários Chafi Braide Júnior, Sérgio Macedo e o ex-prefeito de Imperatriz, Ildon Marques.

Figura 4 - Capa do *Jornal Folha do Dia*¹⁶



Fonte: Acervo particular de Edmilson Sanches

¹⁶ Edição do dia 10 de outubro de 1998.

A *Folha do Dia*, segundo Carvalho (2016), circulou diariamente por três anos na cidade com um formato entre o germânico e o tabloide (medidas totais de 44,5 cm por 31,5 cm) e dois cadernos. Além disso, foi o primeiro diário a apresentar cores em quatro páginas e fotografias coloridas.

As cores eram empregadas em diversos elementos, a começar pelo logotipo do jornal, e indo até às linhas e preenchimentos de boxes, às ilustrações e à tipografia. O vermelho e o azul eram as cores mais usadas, mas a paleta da publicação variava bastante (CARVALHO, 2016, p. 85).

A autora ainda revela que o material tecnológico avançado (computadores, máquinas modernas de impressão, câmeras digitais, entre outros) permitiu que o veículo agregasse ao jornalismo local as tendências nacionais de incorporação das características da internet, das revistas e da televisão.

Seguindo os passos da informatização, os jornais imperatrizenses dessa fase começam a criar *sites* para disponibilizar suas notícias no ambiente digital. Conforme Bueno e Batalha (2015), *O Progresso* foi o primeiro a desenvolver um webjornal na cidade. “A empresa Júpiter Informática, fornecedora de internet mais antiga em atividade de Imperatriz-MA, fundada em 1997, foi a responsável por hospedar a página deste jornal entre os anos de 1998 e 2000” (BUENO; BATALHA, 2015, p. 4).

Se, por um lado, o computador e o surgimento da internet comercial (que no Brasil acontece a partir de 1994) possibilitam alterações na apresentação visual dos jornais e no modo de produzir conteúdo informativo, do outro, eles tornam-se assunto recorrente nas páginas das folhas noticiosas, chegando a ocupar espaços fixos, como colunas ou editoriais. É o caso da coluna *Micro Conexão*, assinada pelo jornalista Adalberto Franklin, no semanário *Folha da Cidade*¹⁷, que trazia dicas e informações de informática.

Teclado em vez de mouse

Se você está cansado de clicar o mouse para selecionar ícones de programas tem a opção passar a executar as mesmas funções através do teclado, o que é bem mais rápido. Para acionar, por exemplo, o editor de texto Write, estando no Gerenciador de programas (ou Program Manager), tecle ALT J (baixa-se a cortina com os grupos existentes) e, em seguida, o número referente ao grupo ‘Assessórios’ (onde fica o Write) e daí, com as setas, você pode percorrer todos os ícones do grupo. É só teclar Enter e o programa aparece na tela¹⁸.

¹⁷ *Folha da Cidade*, Imperatriz, MA, ano 1, n. 4, 7 a 13 fev. 1994.

¹⁸ *Folha da Cidade*, Imperatriz, MA, ano 1, n. 4, 7 a 13 fev. 1994. p. 6.

Ainda percorrendo os textos dos jornais de interesse geral, observa-se que os crimes de pistolagem em Imperatriz continuam a ter destaque nas edições. E um dos crimes mais expressivos nessa fase foi o assassinato do prefeito Renato Cortez Moreira, em outubro de 1993. Segundo Barros (1996), os jornais locais, como *Folha da Cidade*, não se limitavam a repassar ao público os acontecimentos e emitir opinião a respeito, mas espalhavam um sentimento de medo pela cidade. Medo oficial: Governador teme vir a Imperatriz¹⁹ – relata a manchete do número 47 da *Folha da Cidade*, do dia 25 de dezembro a 1 de janeiro de 1995, e completa: Incidente com ex-prefeito pode ter intimidado o Governador José de Ribamar Fiquene²⁰.

Em paralelo a essas notícias, a cobertura política de Imperatriz, sobretudo a administração do vice-prefeito Salvador Rodrigues, foi um dos temas mais pautados pelos títulos dessa fase. Durante o período em que esteve no governo, Salvador Rodrigues não conseguiu imprimir à sua administração decisões que atendessem às necessidades da comunidade (BARROS, 1996). A cidade de Imperatriz foi tomando um aspecto de total abandono. Em repúdio à administração municipal, foi criado em maio de 1994 o Fórum da Sociedade Civil de Imperatriz, que teve o apoio dos jornais impressos, entre eles o *Folha da Cidade*. “Em 1995, Vamos todos fazer de Imperatriz uma ‘cidade legal’! Fórum da Sociedade Civil de Imperatriz”²¹.

No dia 18 de janeiro de 1995, parte da população de Imperatriz, decidida a assumir o comando da cidade, promove uma passeata em direção à prefeitura municipal. “Às 14h30 a caminhada começou; a ‘Folha da Cidade’ calculou em vinte mil os participantes, não só a pé, mas também em bicicletas, motos e carroças” (BARROS, 1996, p. 284). Após esse momento, intitulado por alguns estudos históricos da cidade de “Revolução de Janeiro”, assume a prefeitura no dia 24 de janeiro de 1995 o interventor Ildon Marques.

Cabe destacar que a proposta de criação do Maranhão do Sul, tendo Imperatriz como capital, também foi um dos temas políticos difundidos pelos jornais locais nesse período. Segundo Matos e Almeida (2012), o discurso separatista esteve presente em todos os enunciados publicados pelo *O Progresso* entre os anos de 2001 a 2005. “Dividir mais para administrar melhor, esse é o traço mais característico de todo o processo de construção discursiva sobre a emancipação territorial e política da parte sul do Maranhão” (MATOS; ALMEIDA, 2012, p. 79).

¹⁹ *Folha da Cidade*, Imperatriz, MA, ano 1, n. 47, 25 dez./1 jan. 1995.

²⁰ *Folha da Cidade*, Imperatriz, MA, ano 1, n. 47, 25 dez./1 jan. 1995.

²¹ *Folha da Cidade*, Imperatriz, MA, n. 47, 25 dez./1 jan. 1995. p. 3-A, grifo nosso.

Fora esses aspectos do jornalismo diário, a imprensa imperatrizense dos anos de 1990 a 2010 caracteriza-se pela multiplicação de jornais especializados, tornando segmentos da sociedade, antes nunca explorados, temáticas de publicações (ver tabela 2). Entre alguns exemplos localizados estão: *Folha da Nova Imperatriz* (Bairros); *Semanário Esportivo Camisa 12* (Esportivo); *Agribusiness* (Rural) e *Facimp Press* (Educação).

Tabela 2 - Perfil dos jornais de Imperatriz (1990-2010)

Classificação	Nº/Títulos
Interesse geral	38
Institucional	51
Esportivo	2
Sindical	9
Religioso	18
Político	7
Estudantil	4
Rural	1
Negócio	1
Educação	20
Bairros	5
Total	156

Fonte: A autora (2021).

Diante desse cenário, a história da imprensa local não poderia ignorar um importante periódico dessa época: o *Correio Popular*. Ele começa a ser publicado semanalmente na cidade em outubro de 2009, com o nome de *Correio de Imperatriz*. Nesse momento, o impresso possuía 12 páginas, nove editorias (*Geral, Meu Bairro, Cidade, Entretenimento, Mercado, Pelo Brasil, Cultura, Especial e Esporte*) e era distribuído gratuitamente (ALMEIDA *et al.*, 2014).

Segundo Almeida e outros (2014), o *Correio de Imperatriz* deu início a uma linha sensacionalista no jornalismo impresso daqueles anos, caracterizado pela superexposição da violência por meio da cobertura policial e da publicação de fatos considerados inusitados. Associado a esse elemento, o conteúdo da publicação apresentava:

[...] teor local, seguido por um padrão de reportagens curtas e pouco humanizadas. A presença de notas de assessoria também é significativa. As editorias de entretenimento e esportes eram substancialmente focadas nos acontecimentos, que estavam em destaque em site de veiculação nacional. (DOMINGOS *et al.*, 2014, p. 7).

Dois anos depois de ser lançado no município, o jornal muda seu nome para *Correio Popular* e publica sua primeira edição no dia 1º de março de 2011, vendida por 0,25

centavos. Em seguida, o título passa a custar R\$ 1,00 e, a partir da décima edição, chega ao valor de R\$ 1,50. Ele ainda era publicado no “[...] formato tablóide, com 12 páginas, sendo colorido na capa, contracapa e nas páginas centrais” (MACIEL, 2011, p. 7).

A proposta editorial do impresso manteve elementos sensacionalistas na diagramação, como o uso de fotos de corpos nas manchetes sobre crimes e de celebridades seminuas nas capas. Também era prática do veículo “[...] publicar apenas notícias factuais e de curto desenvolvimento, além de reproduzir integralmente releases de assessorias” (ALMEIDA *et al.*, 2014, p. 8).

Embora o diário apresentasse esse tipo de produção, Alexandre Zarate Maciel (2011) considera que as seções *Aqui Imperatriz* e *Qual é a bronca?* são os diferenciais do impresso. A primeira é uma coluna diária que emprega elementos do jornalismo literário ou narrativo para contar as histórias de vida do cidadão imperatrizense. Já a segunda traz a fala na íntegra do leitor com alguma reclamação, em geral, em termos de falta de infraestrutura no seu bairro, seguida por uma reportagem que procura aprofundar o contexto do assunto (MACIEL, 2011).

Figura 5 - Capa Jornal do *Correio Popular*²²



Fonte: Carvalho (2016).

O *Correio Popular* deixou de circular na versão impressa em janeiro de 2014, passando a existir apenas em sua plataforma *online*. Posteriormente, o *site* do veículo

²² Edição do dia 1 de março de 2011.

interrompeu suas atualizações e foi excluído do ambiente digital. Em 2016, o periódico voltou a circular com o nome de *Jornal Correio* na versão impressa, porém com uma periodicidade menor, e na internet, por meio do *site*. Nesse momento, ele também adotou o WhatsApp como seu principal recurso de distribuição. Em 2017, o veículo trocou totalmente a versão impressa pelo aplicativo de celular, “[...] tornando-se o primeiro do Maranhão e o único de Imperatriz a ser formatado no modelo impresso, mas distribuído exclusivamente por meio de listas de transmissão do aplicativo” (REINO *et al.*, 2018, p. 92). Em agosto de 2019, o jornal encerrou a distribuição por WhatsApp e agora está presente somente via website.

Considerações finais

A história da imprensa de Imperatriz apresentada revela um cenário marcado pela descontinuidade e efemeridade dos jornais, além da falta de materialidade em alguns títulos da cidade. Desse modo, ao finalizar esse trabalho, as ausências são significativas na trajetória construída, visto que percorrer quase 80 anos de imprensa é um empreendimento desafiador. Foram encontradas dificuldades em reunir e catalogar os jornais que circularam em Imperatriz, procurando-os em acervos particulares, já que a cidade não dispõe de um acervo público.

Mesmo assim, tentou-se desvendar a trajetória da imprensa imperatrizense, não de maneira isolada, mas relacionada às transformações e às contradições da sociedade local. Nos momentos iniciais, por exemplo, os jornais configuram-se como um lugar de novos protagonistas, vozes e causas. Em uma cidade de pouca visibilidade política e econômica nas primeiras décadas do século XX, os quatro primeiros jornais imperatrizenses: *O Alicate* (1932); *A Luz* (1936); *O Astro* (1949) e o *Correio do Tocantins* (1964) tornaram-se espaço privilegiado para evidenciar as aspirações de progresso da população, como também para representar a cidade, sua gente e manifestações culturais.

Nos anos de 1970 e 1980, os impressos assumem em suas páginas “os ares” da transformação urbana pela qual passava a cidade. Eram instalados em Imperatriz vários empreendimentos governamentais e de economia mista; o comércio se avolumava e a exploração de madeiras crescia. Ainda o município era uma das principais portas de entrada para o garimpo de Serra Pelada e o abastecia com alimentos, remédios, máquinas e homens.

Por outro lado, os jornais de interesse geral na era da modernização evidenciavam as notícias sobre a violência da cidade, principalmente, os crimes de pistolagem, o que pode ter contribuído para a construção da imagem de Imperatriz como “capital da pistolagem”.

Associado a esse contexto, o número de jornais cresce, chegando a 55 títulos de diferentes perfis (culturais, estudantis, religiosos, negócios, sindicais, políticos, etc.). Além disso, as publicações de interesse geral passam por significativas mudanças na sua forma de impressão e estrutura editorial. Passa-se a utilizar o sistema *offset*, as matérias são distribuídas em editorias, são criados cadernos, suplementos, seções de serviços e espaços fixos de opinião.

Na fase da imprensa contemporânea (1990-2010), destacamos questões que consideramos relevantes para a sociedade local. Entre elas estão: o advento do computador e da internet nas redações, a criação dos primeiros webjornais e a intervenção dos impressos no cenário político municipal. Paralelo a esses pontos, mencionamos a expressiva produção de periódicos especializados (156 no total) e o surgimento de segmentos da sociedade, antes nunca explorados, como as temáticas das publicações, é o caso das folhas esportivas.

Convém pontuar que essa é uma das muitas interpretações possíveis para compor a história da imprensa em Imperatriz. A pretensão deste estudo não foi decretar no ano de 2010 o fim da história da imprensa na cidade, ou o término da terceira fase, mas apenas realizar uma escolha no exercício de produzir fases plausíveis para compreensão do leitor.

Referências

Documentos

a) Jornais

A Luz, Imperatriz, MA, ano 1, n. 3, 25 out. 1936.

Correio do Tocantins, Imperatriz, MA, ano 1, n. 3, 25 maio 1964.

Folha da Cidade, Imperatriz, MA, ano 1, n. 4, 7 a 13 fev. 1994.

Folha da Cidade, Imperatriz, MA, ano 1, n. 47, 25 dez. a 1 jan. 1995.

Jornal de Imperatriz, Imperatriz, MA, ano 1, n. 1, 1 dez. 1985.

Jornal de Imperatriz, Imperatriz, MA, ano 1, n. 2, 2 dez. 1985.

Jornal de Imperatriz, Imperatriz, MA, ano 1, n. 15, 15 dez. 1985.

Jornal de Imperatriz, Imperatriz, MA, ano 1, n. 137, 11 maio 1986.

Jornal de Negócios, Imperatriz, MA, ano 1, n. 1, 7 a 13 set. 1986.

Outros Tempos, vol. 18, n. 32, 2021, p. 350-370. ISSN: 1808-8031

O Astro, Imperatriz, MA, ano 1, n. 1, 24 jul. 1949.

O Progresso, Imperatriz, MA, ano 1, n. 1, 3 maio 1970.

O Progresso, Imperatriz, MA, ano 15, n. 5928, 28 jan. 1986.

O Progresso, Imperatriz, MA, ano 16, 11 maio 1986.

Bibliografia

ALMEIDA, Domingos *et al.* *Fim das páginas impressas do Jornal Correio Popular de Imperatriz*. In: ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 3., 2014, São Luís. *Anais [...]*, São Luís: Alcar Nordeste, 2014. p. 1-14.

ASSUNÇÃO, Thays Silva. *Comunicação em Imperatriz: a análise dos acervos de jornais impressos (1932 a 2008)*. Imperatriz, MA, 2010. Relatório de pesquisa apresentado a FAPEMA.

BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BARROS, E. M. M. *Imperatriz: memória e registro*. Imperatriz, MA: Ética, 1996.

BUENO, Thaísa; BATALHA, Sara. *Plugado na rede: levantamento apresenta os primórdios da mídia de Imperatriz (MA) na Internet*. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 10., 2015, Porto Alegre. *Anais [...]*, Porto Alegre: Alcar Nacional, 2015. p. 1-12.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. *A imprensa na história do Brasil*. São Paulo: Contexto; EDUSP, 1988.

CARVALHO, Rhaysa Novakoski. *O desenho de uma trajetória: design editorial nos jornais diários de Imperatriz (MA) de 1979 a 2013*. 2016. Monografia (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, MA, 2016.

FRANKLIN, Adalberto. *Apontamentos e fontes para história econômica de Imperatriz*. Imperatriz, MA: Ética, 2008.

FREGONA, Livaldo. *18 anos de Imperatriz: o que vi, li e ouvi*. Imperatriz, MA: Ética, 1998.

MACIEL, Alexandre Zarate. *Aqui Imperatriz!: perfis de pessoas comuns do Jornal Correio Popular*. In: MATOS, Marcos Fábio Belo; GEHLEN, Marco Antônio (org.). *Comunicação, jornalismo e fronteiras acadêmicas*. São Luís: EDUFMA, 2011. p. 11-28.

MATOS, Marcos Fábio Belo; ALMEIDA, Kellen Nylceia dos Santos. *A construção do discurso do Maranhão do Sul na mídia impressa de Imperatriz-MA*. *Revista Littera Online*, v. 3, n. 5, p. 69-82, 2012. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/littera/article/view/1267>. Acesso em: 29 mar. 2021.

MOREIRA, Zequinha. *Simplício Moreira: precursor do desenvolvimento de Imperatriz*. Imperatriz, MA: Ética, 1997.

PEREIRA, Waldemar. Quem fez Imperatriz. *In: ACADEMIA IMPERATRIZENSE DE LETRAS. Imperatriz: 150 anos. Imperatriz, MA: Academia Imperatrizense de Letras, 2002. p. 45-49.*

REINO, L. S. A; BUENO, T.; LOPES, M.; LEITE, T. Jornal pelo WhatsApp: o papel do aplicativo na rotina produtiva do Correio Popular. *Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo*, v. 8, n. 23, p. 87-107, dez. 2018. Disponível em: <http://rebej.abejor.org.br/index.php/rebej/article/view/20>. Acesso em: 10 de mar. 2021.

REIS, Thays Assunção. *História da imprensa em Imperatriz-MA: 1930-2010*. São Luís: EDUFMA, 2018.

SANCHES, Edmilson. Imprensa Escrita. *In: ACADEMIA IMPERATRIZENSE DE LETRAS. Imperatriz: 150 anos. Imperatriz, MA: Academia Imperatrizense de Letras, 2002. p. 167-179.*

SANCHES, Edmilson. *Enciclopédia de Imperatriz: 150 anos: 1852-2002*. Imperatriz, MA: Instituto Imperatriz, 2003.

SANTOS, Milton. Classificação funcional dos jornais brasileiros: as regiões jornalísticas (1955). *Noticiários da Rede Alcar*, ano 7, n. 83, 1 nov. 2007.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

VIEIRA, José Matos. *Lutas, fracassos e vitórias: memórias*. Imperatriz, MA: Ética, 2008.